

OXIGÊNIO

FEVEREIRO 2022



NÚMERO 30

O JARDIM DE AMÍLCAR DE CASTRO: NEOCONCRETO SOB O CÉU DE BRASÍLIA



EDITORIAL

Mais do que uma exposição a céu aberto, as esculturas de grande porte de Amílcar de Castro nos jardins do CCBB Brasília, matéria de capa dessa edição, são o marco de um encontro de gênios esperado há muitos anos: Amílcar e Niemeyer. O encontro da arte construtivista do escultor com a arquitetura e o urbanismo da capital, pelas mãos do mestre da arquitetura brasileira.

O projeto, com duração de dois anos, transborda os jardins do CCBB e oferece ao público um amplo processo de democratização de acesso com a disponibilização de um aplicativo criado para permitir também visita guiada online e permanente, incluindo material em braile e libras. A realização de “*O Jardim de Amílcar de Castro: Neoconcreto sob o céu de Brasília*” é uma das primeiras ações do IPAC – Instituto de Pesquisa e Promoção à Arte e Cultura.

Outro grande encontro acontece em Curitiba, no Memorial Paranista, que exhibe – também a céu aberto – a reprodução em bronze da *Pietá* do escultor João Turin, obra desaparecida por quase 70 anos, que resistiu os bombardeios na baixa Normandia durante a Segunda Guerra.

A mostra coletiva “*Saravá*”, na Galeria Anita Schwartz, no Rio de Janeiro, com trabalhos de 39 artistas emergentes, selecionados entre mais de 500 inscritos, o lançamento do livro “*Onde vive a arte na América Latina*”, que reúne 35 locais emblemáticos do circuito artístico da região, e a mostra de Samson Flexor, no MAM São Paulo também merecem registro, assim como o curioso e prestigiadíssimo turfe num lago gelado da Suíça.

Boa leitura!

Foto de capa: *Still* de apresentação do projeto

(21) 3807-6497 / 97326-6868 | oxigeniorevistabr@gmail.com | www.oxigeniorevista.com
ANUNCIE, ENVIE SUGESTÕES DE PAUTA, COLABORAÇÕES, IMAGENS, PUBLIREPORTAGENS.

ÍNDICE

04

OXIGENE: Teatro Porto Seguro/SP retoma programação presencial com *Misery*, adaptação teatral de Stephen King | Com estreia dia 11, MUBI lança *Cow*, quinto documentário da cineasta Andrea Arnold | Semana de 22: Balé da Cidade do Theatro Municipal de São Paulo apresenta “*Muyrakyatã*” e “*Isso dá um Baile!*”

09

MATÉRIA DE CAPA – EXPOSIÇÃO: Passeando com Amílcar de Castro

14

IPAC: Os primeiros frutos do IPAC – Instituto de Pesquisa e Promoção à Arte e Cultura

16

TURISMO: *White Turf* – As emoções do turfe num lago gelado dos Alpes Suíços

23

RESGATE ARTÍSTICO: Memorial Paranista exhibe reprodução em bronze da *Pietà* do escultor João Turin

27

EXPOSIÇÃO / ARTES PLÁSTICAS: A partir do dia 25, *Volpi Popular* no MASP

29

LITERATURA: Livro reúne locais de vanguarda de arte na América Latina

34

EXPOSIÇÃO / ARTES PLÁSTICAS / GALERIAS: Dia dois de fevereiro não é apenas dia de festa no mar, como diz a canção de Dorival Caymmi. É também o dia da abertura da mostra “*Saravá*” na Galeria Anita Schwartz, no Rio de Janeiro

37

SAMSON FLEXOR: *Além do moderno*, por Maria Hermínia Donato

Jornalista Responsável: Vera Matagueira – MTB 16.742 | Editora: Ana Ligia Petrone

Correspondente em Londres: Maria Hermínia Donato

Colaboradora: Antonella Kann



Teatro
Porto
Seguro/SP
retoma
programação
presencial
com
MISERY,
adaptação
teatral de
Stephen
King

O romance *Misery – Louca Obsessão*, escrito nos anos 1980 pelo norte-americano Stephen King, um dos autores mais traduzidos e adaptados para o cinema e teatro no mundo inteiro, ganhou versão para o cinema assinada por William Goldman. Traduzida e adaptada para o português por Claudia Souto e Wendell Bendelack, a montagem cênica tem direção de Eric Lenate e elenco formado por Mel Lisboa, Marcello Airoldi e Alexandre Galindo.

A peça conta a história de Paul Sheldon (Marcello Airoldi), um famoso escritor reconhecido pela série de *best-sellers* protagonizados pela personagem Misery Chastain. Após sofrer um grave acidente de carro, Paul é resgatado pela enfermeira Annie Wilkes (Mel Lisboa). A simpática senhorita é também uma leitora voraz de sua obra e se autointitula principal fã do autor.

A montagem de Lenate é a primeira adaptação direta do texto de William Goldman. Entre as versões internacionais, destacam-se a montagem da Broadway protagonizada por Bruce Willis e Laurie Metcalf em 2015 (por sua interpretação, Laurie foi nomeada para o *Tony Award* de Melhor Atriz de Teatro) e a versão mexicana de 2011, que conta com o renomado ator Demián Alcázar e Itatí Cantoral. Ao todo, *Misery* já foi montado para o teatro em dez países.

A nova montagem brasileira traz um olhar contemporâneo para essa obra. “A personagem da enfermeira Annie Wilkes, obcecada pelo escritor Paul Sheldon, sem-

pre foi retratada no teatro e no cinema de forma estereotipada, como louca e histérica, enquanto Paul ocupava sempre o papel de vítima. Procuramos nesta montagem trazer uma Annie mais esférica, olhar para dentro dela e ampliar as possíveis leituras desta obra para além daquela que coloca o gênero feminino no lugar da instabilidade trágica que precisa ser comandada pelo masculino”, comenta o diretor Eric Lenate.

SERVIÇO

Misery – De Stephen King

Teatro Porto Seguro

Alameda Barão de Piracicaba, 740 – Campos Elíseos / SP

De 4 de fevereiro a 27 de março

Sextas e sábados às 20h e domingos às 19h

As sessões de domingo contam com intérprete de Libras

Classificação: 14 anos



Foto: Leekyung Kim



COM ESTREIA DIA 11, MUBI LANÇA COW, QUINTO DOCUMENTÁRIO DA CINEASTA ANDREA ARNOLD

Foto: Cortesia da MUBI / Kate Kirkwood

Elogiado pela crítica em sua première mundial no Festival de Cannes de 2021, *COW* explora a vida comovente de uma vaca leiteira, ressaltando um olhar sobre sua realidade diária e valorizando seu grande serviço para os seres humanos. Sobre a produção, a cineasta Andrea Arnold disse: *“Este filme é uma tentativa de mudar a nossa visão sobre as vacas. Para nos aproximar delas. Para ver sua beleza e o desafio de suas vidas. Quando eu olho para Luma, nossa vaca, eu vejo o mundo inteiro nela”*.

O longa é produzido por Kat Mansoor para *Halcyon Pictures*. Os produtores executivos são Rose Garnett para *BBC Films*, Sandra Whipman e Maxyne Franklin para *Doc Society*. A cineasta Andrea Arnold venceu três Prêmios do Júri em Cannes: com *American Honey* em 2016, *Fish Tank* em 2009 e *Red Road* em 2006.

Trailer oficial:

<https://www.youtube.com/watch?v=2VjbWcQSC6w>

SOBRE A MUBI

A MUBI é um serviço de streaming global, produtora e distribuidora de filmes. Um novo filme escolhido a dedo chega à MUBI todos os dias. Cinema de todos os cantos do mundo. De diretores icônicos, até novos trabalhos de cineastas emergentes. Tudo cuidadosamente escolhido pelos curadores da MUBI.

MUBI é a maior comunidade de amantes do cinema, disponível em 190 países, com mais de 12 milhões de membros em todo o mundo. Encontra-se disponível via navegador da web, Amazon Fire TV, aparelhos Roku, Apple TV, Smart TVs LG e Samsung, e também nos aparelhos mobile como iPad, iPhone e Android.



Foto: Reprodução / Site do Theatro Municipal de São Paulo

SEMANA DE 22: Balé da Cidade do Theatro Municipal de São Paulo apresenta “*Muyrakyatã*” e “*Isso dá um Baile!*”

O Balé da Cidade estreia a peça *Muyrakyatã*, com coreografia de Allan Falieri e música de Beto Villares, que será apresentada junto com *Isso dá um Baile!*. A coreografia é de Henrique Rodovalho, com consultoria de Celly IDD e Neguebites e trilha sonora de Heavy Baile, Leo Justi e Theo Zagrae. O programa tem início dia 16 e segue em cartaz até dia 27, de quarta a domingo.

MUYRAKYTÃ

Allan Falieri, concepção e coreografia
Beto Villares, música original
Fabiana Nunes, dramaturgia
Alexandre dos Anjos, figurino
André Boll, desenho de luz
Carolina Franco e Roberta Botta, ensaiadoras
Irupé Sarmiento e Preta Kiran, preparação de elenco

O que seria a força desse movimento em 2022? Tomamos as palavras de Mário de Andrade – *o passado é lição para refletir, não para repetir* – como motor para uma vez mais romper os paradigmas estabelecidos nos dias de hoje, refletir e indagar os passados 100 anos, as fissuras dos detalhes da tão idealizada identidade brasileira. Um atravessamento entre passado e presente para exaltar as singularidades e multiplicidade da nossa gente.



Foto: Reprodução / Site do Theatro Municipal de São Paulo

ISSO DÁ UM BAILE!

Henrique Rodovalho, coreografia e desenho de luz
Heavy Baile, Leo Justi e Theo Zagrae, trilha sonora
Cauã Csik, vídeo
MangoLab, produção executiva do vídeo
Cássio Brasil, figurino
Roberta Botta, ensaiadora
Celly IDD e Noguebites, consultoria

Intérpretes-Criadores

Solos

Ana Beatriz Nunes, Ariany Dâmaso, Bruno Gregório, Camila Ribeiro, Grécia Catarina, Jessica Fadul, Leonardo Silveira, Luiz Oliveira, Marcel Anselmé, Uátilla Coutinho

Bonde

Alyne Mach, Bruno Rodrigues, Fabiana Ikehara, Harrison Gavlar, Isabela Maylart, Leonardo Muniz, Luiz Crepaldi, Márcio Filho, Marina Giunti, Renata Bardazzi, Victoria Oggiam, Víctor Hugo Vila Nova, Yasser Díaz

A coreografia é um grande baile, no qual o elenco vai chegando, trazendo as suas histórias e desejos e estabelecendo a arte do encontro. Ou melhor, do reencontro da dança com sensações de liberdade nos movimentos, que têm como inspiração o Passinho, estilo de dança que surgiu de forma espontânea nos bailes funks das comunidades da cidade do Rio de Janeiro.

SERVIÇO

Theatro Municipal de São Paulo

Praça Ramos de Azevedo, s/nº – Sé / SP

Bilheteria – (11) 3053-2090

Ingressos: <https://theatromunicipalsp.byinti.com/>

Classificação livre

Duração Total 70 minutos

Quartas, quintas e sextas às 20

Sábados e domingos às 17h

PASSEANDO COM AMÍLCAR DE CASTRO



A partir de 22 de fevereiro, mais de 60 obras de grande porte de um dos maiores nomes da escultura no Brasil irão compor a mostra gratuita que ficará em cartaz ao longo de dois anos nos jardins do Centro Cultural Banco do Brasil Brasília. A exposição, com curadoria de Marília Panitz, permitirá ao público uma visita a céu aberto, num projeto inédito no Centro-Oeste



Foto: Vicente de Mello

A exposição *“O Jardim de Amílcar de Castro: Neoconcreto sob o céu de Brasília”* tem como proposta destacar justamente o que poderia ter sido o encontro da arte construtivista de Amílcar de Castro com a arquitetura e urbanismo de Brasília, cidade caracterizada pelo espaço aberto, pelo amplo horizonte, onde edi-

fícios públicos se transformam em esculturas e competem com os outros marcos urbanos em busca do nosso olhar.

A realização da mostra e de todos os seus desdobramentos – lançamento do catálogo, site, aplicativo, semi-

nários e oficinas de visitação – foi possível graças à iniciativa do IPAC (*Instituto de Pesquisa e Promoção à Arte e Cultura*) e a associação estabelecida com Márcio Teixeira, o maior colecionador da obra do grande escultor. A produção é assinada pela 4Arte.

Márcio (falecido em outubro último) fez em sua cidade natal, Dom Silvério, MG, uma inédita distribuição de obras de grande porte do artista pelas ruas da cidade e pelo passeio à beira do rio, transformando o pequeno município do interior, com estrutura colonial, em um imenso jardim de arte contemporânea. No início de janeiro, esse conjunto de obras foi transportado para Brasília em 12 carretas, um acontecimento!

A proposta curatorial do projeto “*O Jardim de Amílcar de Castro: Neoconcreto sob o céu de Brasília*” traz como ideia central oferecer ao público um espaço de contemplação e debate sobre a obra de Amílcar de Castro em diálogo com a perspectiva urbana da capital.

Brasília, contemporânea das pesquisas neoconcretas, é contemporânea do nascimento das obras do mestre do corte e da dobra. Mas as grandes esculturas em aço de Amílcar, curiosamente, não pouparam na capital. Algumas delas foram exibidas, em 2000, na abertura do Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB). Agora voltam para formar um jardim em diálogo com os vastos espaços abertos do Centro e com a arquitetura de Oscar Niemeyer. Esse é um belo e necessário encontro.



Transporte das obras de Dom Silvério / MG para Brasília

Fotos: Divulgação



Foto: Vicente de Mello

A ideia central é vivenciar a experiência estética do embate entre as grandes obras tridimensionais criadas pelo artista, encontradas em tantos espaços públicos do país e do exterior, e o corpo do observador. Ao passear pelos gramados, o visitante encontra a bela cor de ferrugem das superfícies, que ganham o espaço por recortes e dobraduras que parecem desafiar o peso do material do qual são feitas. Elas estão entre as árvores, os prédios sinuosos de concreto e o céu de Brasília.

Além da exposição, o projeto realizará um amplo processo de democratização de acesso com a disponibilização de um aplicativo criado especialmente para

permitir uma visita guiada permanente, com áudios e vídeos para todos os públicos. O aplicativo também irá possibilitar informações adicionais sobre o artista, material para interação, material didático para professores e palestras. Grande parte do conteúdo estará disponível também em libras e em braile.

DATAS CRUZADAS

2020 foi o ano do centenário de Amílcar de Castro e também o ano do vigésimo aniversário do CCBB Brasília. Mas esse foi o ano que iniciou o isolamento social. Tempo suspenso. Projetos suspensos. Vidas em suspenso. Comemorações suspensas.

A lembrança dessas datas cruzadas trouxe à memória a bela imagem do CCBB em sua inauguração, com uma série de esculturas de Amílcar de Castro espalhadas em sua praça central (à entrada do prédio principal). Amílcar e Niemeyer, juntos! Especialmente porque a capital não tem obras dos movimentos concretista e neoconcretista expostas em lugares públicos.

Em 2010, na mostra *“Brasília e o construtivismo, um encontro adiado”*, com curadoria de Fernando Cocchiarella, Castro visitou o CCBB em escala muito menor (mas de igual importância), onde se podia ver a galeria 2 como a metáfora da Esplanada, com o croqui do Congresso de Niemeyer ao fundo, e uma série de esculturas de corte e dobra do artista como se ocupassem os gramados.

Mas agora o encontro se dará de fato. E nos jardins do CCBB, espaço possível de convivência, mesmo na pandemia (e mantendo o distanciamento social necessário). Ao ar livre, assim como pedem as obras de

Amílcar de Castro: um jardim de esculturas nos gramados do Centro Cultural. Arte possível e bem-vinda em tempos pandêmicos ou não. Assim, Brasília, a cidade modernista de pensamento construtivo, faz sua justa homenagem ao artista de pensamento construtivista, neoconcreto, em seus 100 anos. E o CCBB tem sua comemoração de 20 ativos anos na cidade nova.

SERVIÇO

“O Jardim de Amílcar de Castro: Neoconcreto sob o céu de Brasília”

Centro Cultural Banco do Brasil Brasília

De 22 de fevereiro de 2022 a janeiro de 2024

Aberto de terça a domingo, das 9h às 21h

SCES, Trecho 2 – Brasília/DF

Site: bb.com.br/cultura

Ingressos: eventim.com.br

[Facebook/ccbb.brasilia](https://www.facebook.com/ccbb.brasilia)

[Twitter/ @ccbb_df](https://twitter.com/ccbb_df)

[Instagram/ccbbbrasilia](https://www.instagram.com/ccbbbrasilia)

[Youtube/ Bancodobrasil](https://www.youtube.com/Bancodobrasil)



OS PRIMEIROS FRUTOS DO IPAC – INSTITUTO DE PESQUISA E PROMOÇÃO À ARTE E CULTURA

Mostra de Amílcar de Castro é uma das ações da nova instituição

Daiana Castilho Dias*

Desde 2002, quando retornei ao Brasil, após longa permanência no exterior, tenho conhecido e convivido com colecionadores e artistas plásticos brasileiros e estrangeiros.

Confesso que o que tem me encantando nesse universo de pessoas é particularmente sua excentricidade. Explico: colecionar e produzir arte, especialmente no Brasil, não é tarefa fácil! Exige, daqueles que se propõem a ela, um esforço hercúleo e sobretudo imensa dedicação, resistência e amor ao tema.

Minha afirmação parece mesmo esdrúxula se pensarmos que o Brasil é conhecido mundialmente como um grande produtor de arte e cultura. Arte é sem dúvida um dos nossos principais produtos de exportação e um grande gerador de divisas para o país. Ora, se isso é verdade, afinal está nos números da *APEX – Agência*



Foto: Vicente de Mello



Foto: Vicente de Mello

Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos –, porque se sofre tanto para produzir, mostrar e viver de arte por aqui?

Pensando nessa realidade, propus a grandes colecionadores de arte no Brasil quebrar esse ciclo. Assim, junto aos 4 cavaleiros do “doce apocalipse”, criamos o IPAC (*Instituto de Pesquisa e Promoção à Arte e Cultura*) e, com ele, o CABRA – *Centro de Arte de Brasília*. Allen Roscoe e Thais Helt, Sérgio Carvalho e Francisco Chagas Freitas são hoje nomes importantes nas artes visuais do Brasil, assim como Márcio Teixeira, também idealizador do projeto, hoje representado por sua família em função de seu precoce falecimento. Suas coleções perfazem a soma de mais de 12 mil obras de arte contemporânea de artistas nacionais e estrangeiros

Em plena pandemia, juntos no ócio, desenvolvemos e criamos o IPAC. Para dar corpo à ideia, reunimos especialistas e pesquisadores ao projeto que prima pela criatividade, eficiência e transformação na formação das comunidades onde desejamos atuar. O IPAC é uma associação de caráter cultural, sem fins lucrativos, que tem por missão promover a gestão e a produção cultural e artística de excelência.

E esse ano iniciamos nosso primeiro conjunto de ações de abertura das coleções ao público, sob administração

do IPAC. Em parceria com o Centro Cultural Banco do Brasil de Brasília, inauguramos a exposição *Espelho Labirinto*, que apresenta obras do acervo CABRA – *Coleção Sérgio Carvalho*, sob a curadoria de Vicente de Mello e Aldones Nino.

Outra importante realização do IPAC acontece a partir do dia 22, quando iremos abrir em Brasília um grande jardim de esculturas do acervo CABRA – *Coleção Márcio Teixeira*, com curadoria de Marília Panitz. Serão mais de 60 esculturas de grande porte do artista mineiro Amílcar de Castro. Esse projeto era um sonho do amigo Marcinho que infelizmente nos deixou cedo demais! A ele toda nossa gratidão e reverência.

O momento atual impõe desafios e inovações ao setor cultural. De um lado, a escassez de investimentos torna necessário encontrar formas mais eficazes de aplicar os recursos disponíveis. De outro, as transformações da rotina tem exigido que nos adaptemos continuamente às novas realidades de convivência e segurança sanitária. Dessa forma, o IPAC já nasce com a ambição de estar atento aos novos tempos e seguro da importância que o setor cultural tem na formação da nossa sociedade.

* *Daiana Castilho Dias é presidente do IPAC.*



WHITE TURF:

as emoções do turfe
num lago gelado
dos Alpes Suíços

Texto e fotos: Antonella Kann
www.antonellakann.com
antonellak1954@gmail.com

O White Turf (Turfe Branco) é um evento equestre de âmbito internacional que se realiza anualmente desde 1907 em St.Moritz, renomada estação de esqui suíça localizada no cantão dos Grisons



É meio dia de um domingo de fevereiro em St. Moritz, elegante resort de esqui suíço, encravado em plena região das Engadines. O céu está encoberto e o termômetro marca 13 graus abaixo de zero. De quebra, sopra a implacável *bise*, nome que se dá ao vento gelado que entranha nos ossos. No entanto, nada disso afeta o entusiasmo de qualquer pessoa da multidão que vai se aglomerando aos poucos em volta de um

hipódromo construído em cima do lago congelado, palco do *White Turf*, tradicional e espetacular evento equestre que se realiza no mesmo local, todos os anos, há mais de um século.

Durante os três primeiros domingos de fevereiro, o tropel de cavalos faz o show sobre uma camada de gelo que atinge cerca de 50 centímetros de espessura.



Numa pista que mede 1.740 metros – a maior pista plana do mundo no gênero – são disputadas as provas emocionantes que atraem um público fiel, composto por mais de 30 mil pessoas. No entanto, este espetáculo não é prestigiado apenas pelos aficionados por cavalos, pois turistas e curiosos em geral afluem em massa, atraídos por este acontecimento único, que, além da emoção garantida, é emoldurado por um cenário nevado de rara beleza.



O “*White Turf*” é patrocinado por entidades de peso e cada prova é rotulada com a marca que lhe dá suporte. Nos casos dos Grand Prix, figuram entidades mundialmente conceituadas, como a BMW, Piaget e bancos importantes como o Crédit Suisse. Muitos dos competidores participam deste evento com regularidade, há décadas. Como atrativo, estão em jogo importantes prêmios em dinheiro. E, como em qualquer hipódromo, os espectadores são incentivados a apostar. Tanto é que o ingresso (a partir de Fr.20) inclui um tíquete no valor de Fr.2 para poder tentar a sorte em todas as competições. E já que as

premiações variam entre 10 e 120 mil francos suíços...
porque não arriscar?

A competição conta com três modalidades de provas: corrida de turfe, no estilo convencional com um percurso 2 mil metros, na qual uma dezena de nações competem entre si pela maior premiação da temporada, cerca de 120 mil francos suíços – essa prova é sempre realizada no último domingo do evento; “*Trabrennen*”, corrida de 1.900 metros com os levíssimos trenós puxados pelo cavalo “*trotteur*” (trotador), onde cada jóquei fica acomodado num pequeno assento e encontra o seu equilíbrio apoiando os pés nos estribos da estrutura. O cavalo trotador, em geral da raça “*Selle Français*” (sela francesa), entra em fase de treinamento já adulto e participa exclusivamente deste tipo disputa.

Mas o ponto culminante do “*White Turf*” é a prova de “*skikjoring*”, a terceira modalidade do evento que ocorre nas tardes de cada domingo. Nessa competição os jóqueis são nada menos do que esquiadores puxados por cavalos, atingindo uma velocidade de pico de até 50 km/hora. Embora pareça uma brincadeira de criança, a prática de “*skikjoring*” requer dos participantes não apenas habilidade e competência, mas muita coragem, pois é uma prova bastante perigosa. Especialmente no momento da largada e durante a primeira



curva, quando todos os esquiadores se acotovelam para obter uma posição mais vantajada. Qualquer descuido resulta numa queda no meio da tropa e, no pior dos casos, o cavalo que vem atrás pode até causar um acidente fatal. Aliás, qualquer cena dramática, como uma colisão ou um tombo, acalenta murmúrios emocionados da multidão.

Altamente conceituada no meio equestre, essa prova conta com 12 esquiadores que devem percorrer um traçado de 2.700 metros em pouco menos de 10 mi-

nutos. A primeira competição de *“skikjöring”* ocorreu no ano de 1906, quando 13 cidadãos engadinenses, munidos de seus cavalos e esquis, tornaram-se os pioneiros do esporte equestre na neve. Reunidos na Postplatz de St. Moritz, iniciaram uma corrida de ida e volta até Champfér, cobrindo uma distância de 10 km. Puxado pelo seu alazão irlandês, venceu o legendário Philip Mark, chefe de polícia local, com exatos 20 minutos e 22 segundos. A corrida, que une o cavalo ao exímio esquiador, foi a precursora para as futuras competições nessa sofisticada estação de inverno, que viria a sediar os Jogos Olímpicos de 1928 e 1948.

Ao contrário do trotador, o cavalo utilizado na prática de *“skikjöring”* não é obrigatoriamente um puro-

sangue e só treina para isso nos meses de inverno. Por incrível que pareça, basta pouco tempo para adestrar um animal nessa modalidade esportiva. E mais: um mesmo cavalo pode ser usado para disputar uma corrida de 2 mil metros e ainda participar no *“skikjöring”*.

Aliás, desde que adequadamente ferrado, nenhum cavalo precisa de experiência prévia para pisar numa pista de neve. Para evitar que a neve se acumule sob os cascos, o que poderia causar um tombo indesejável, colocam uma borracha chamada de *“hurfgrip”* presa entre a ferradura e o casco, no momento em que o cavalo está sendo ferrado. Uma vez eliminado esse primeiro problema, para evitar que o cavalo deslize no solo escorregadio ou derrape em alta velocidade no meio da



curva, forjaram uma série de cravos especiais, de tamanhos e formatos diversos, cada qual cumprindo uma função específica para fazer com que o animal tenha uma aderência ao solo nevado.

O hipódromo abre suas “portas” em torno do meio dia. Muita gente chega a pé, pois o lago fica pertinho do centro de St. Moritz e dos principais hotéis. Quem vem de carro precisa estacionar, mas tudo é muito bem organizado *à la* suíça. Praticamente não existe fila para comprar ingresso e o divertido é ficar perambulando no recinto, curtindo o ambiente festivo que toma conta do evento. São centenas de pessoas, entre espectadores e jóqueis, cavalos e treinadores, jornalistas e visitantes, crianças e até bichinhos de estimação, que circulam durante horas de um lado para outro. A maioria camuflada sob gorros, cachecóis e roupas felpudas.

Em determinado momento, todo mundo se aboleta nas arquibancadas para assistir à prova. Quando termina, a festa continua no perímetro do hipódromo, ornamentado por simpáticas barraquinhas e *showrooms* montados sob tendas brancas, no meio do qual borbulha um pequeno – porém seletivo – comércio, verdadeira quermesse de produtos suíços. Dá para encontrar desde relógios a vestuário de esqui. Até a gastronomia está, digamos assim, à altura da sofisticação deste evento: dá para tomar uma taça de Moët & Chandon e até degustar ostras frescas (em copo e prato de plástico, mas quem é que vai ligar para isso quando o contexto é tão deslumbrante?).

Além disso, são oferecidas porções de raclette (queijo derretido) acompanhadas do tradicional vinho branco fendant; ou um prato de risotto, além de muitas outras iguarias regionais. Entre uma prova e outra, os espectadores aproveitam para domar o frio tomando um vinho quente (vin chaud). Nada é muito barato, mas como resistir? E – como em qualquer outro hipódromo do mundo – dá para tentar resgatar os excessos apostando... A sorte pode bater, até mesmo em temperaturas abaixo de zero.



SERVIÇO

www.whiteturf.ch

www.ticketcorner.ch

COMO CHEGAR:

St. Moritz está localizado na região dos Engadine, a 175 km de Milão, 200 km de Zurique e 300 km de Munique. Acessível por auto-estrada, recomenda-se utilizar o trem como apoio para chegar à estação durante os meses de inverno. Embarca-se com o automóvel em Thusis ou Klosters. Também existe a opção de voo a partir destas cidades além de Genebra e Bâle para o aeroporto de Samedan, em St. Moritz.

ONDE FICAR:

Kempinski Grand Hotel des Bains St.Moritz

Via Mezdi 27

Tel. 0041-81 8383838

www.kempinski-stmoritz.ch

reservations.grandhoteldesbains@kempinski.com

Um cinco estrelas que se destaca no cenário bucólico da região. Luxo e sofisticação em pleno centro da estação, bem próximo ao lago onde é montado o hipódromo. Dá para chegar a pé, o que é uma vantagem.

Suvretta House

Via Chasellas, 1

Tel. 0041- 81-836 3636

www.fhw.com/suvretta

info@suvrettahouse.ch

Este luxuoso estabelecimento estampa em sua fachada todo o glamour do passado. Embora o hotel se encontre a 2 km de distância do centro, hospedar-se nele é uma opção perfeita para combinar o esporte com relaxamento.

Badrutt's Palace Hotel

Via Serlas, 27

00xx41 81 837 1000

www.badruttspalace.com

reservations@badruttspalace.com

Hotel tradicional, bem localizado, figura entre os ícones da estação. Pertence à conceituada rede *Leading Hotels of the World*. Está tinindo de luxo depois de uma intensa reforma. Também abriga alguns dos melhores restaurantes de St.Moritz.

ONDE COMER:

Chesa Veglia

Via Serlas, 27

Tel. 0041-81 837 2670

Ambientes distintos compartilham um chalé tipicamente engadinense cuja construção data de 1658: uma pizzaria, um restaurante para comer fondue e outros pratos regionais, um bar com boate e um sofisticado restaurante, o Chafado Grill, servindo gastronomia francesa. De tudo para todos os gostos com serviço impecável.

Jöhri's Talvo

Via Gunels 15

Tel.0041 81- 833 4455

A 10 minutos a pé do centro, numa construção de 350 anos, degusta-se a fusão de receitas regionais (austríacas, suíças e alemãs) com a cozinha internacional. Destaque para os diversos preparos de lagostas, além do saboroso e não menos reputado peixe assado em sal grosso.

RESGATE ARTÍSTICO

Memorial
Paranista
exibe
reprodução
em bronze
da Pietá
do escultor
João Turin



João Turin, *Pietá*
Foto: Maringas Maciel

Desaparecida por quase 70 anos, a obra do escultor paranaense foi localizada em 2013, na Igreja de Saint Martin, em Condé-sur-Noireau, França. Esculpida para homenagear os combatentes mortos na 1ª Guerra Mundial, resistiu aos bombardeios da 2ª Guerra e agora tem um exemplar no Brasil

O artista brasileiro João Turin esculpiu na França uma obra em homenagem a combatentes mortos na Primeira Guerra Mundial, quando ele morava no país, no começo do século XX. Trata-se de uma *Pietà*, que resistiu a outro conflito, a Segunda Guerra Mundial, que destruiu a cidade de Condé-sur-Noireau, na Baixa Normandia, onde a obra foi instalada em uma igreja.

Após a devastação da cidade com uma série de bombardeios em 1944, a Igreja de Saint Martin foi parcialmente aniquilada, mas a *Pietà* conseguiu se manter

intacta. No entanto, boa parte dos arquivos foram destruídos, apagando vestígios da existência da obra e sobre seu autor. E a *Pietà* caiu no esquecimento.

Por quase 70 anos a *Pietà* foi dada como perdida, sendo localizada somente em 2013. Para “resgatá-la” foi mobilizada uma equipe encarregada de fazer um molde da obra, e assim realizar uma fundição em bronze no Brasil. Hoje esse exemplar está exposto no Memorial Paranista, construído em homenagem a João Turin na cidade de Curitiba, e reúne cerca de 100 obras do

artista, incluindo um jardim de esculturas ampliadas a céu aberto.

O RESGATE

Em 2013 foi confirmado que a obra instalada na Igreja de Saint Martin era de João Turin. Samuel Lago, um dos detentores dos direitos autorais do artista, afirma que até então a única referência sobre a *Pietà* era uma foto do acervo do pesquisador Saul Lupion de Quadros, que realizou um resgate da vida e obra de João Turin. A es-



João Turin, *Pietà*, obra primígena

Foto: Divulgação

cultura tem a representação da Virgem Maria e de Jesus Cristo em meio aos nomes dos soldados falecidos em combate.

“Encontramos nos escritos deixados por Turin uma referência à obra que ele realizou quando esteve na Normandia. Mas o artista cometeu um erro de grafia no nome da cidade, e não se conseguia localizá-la. O professor José Roberto Teixeira Leite, autor do livro “João Turin – Vida, Obra e Arte”, enviou correspondência para algumas prefeituras da Normandia e recebeu resposta da cidade de Condé-sur-Noireau, confirmando que lá havia uma obra assinada por Z.Turin, ao invés de J.Turin, como ele costumava assinar. O ‘Z’, na verdade, é a inicial de seu nome do meio, Zanin, e essa questão dificultou um pouco mais a busca. Mas, ao fim e ao

cabo, foi tudo confirmado e a Pietá foi encontrada”, relata Samuel Lago.

Com a identificação, teve início uma ação para integrar a obra ao acervo do artista: a produção de um molde da obra original para que a Pietá pudesse ser reproduzida no Brasil. *“Foi montada uma equipe multidisciplinar com Odilon Merlin, um produtor brasileiro que morava na França à época. Para lá seguiu o escultor Elvo Betino Damo, de Curitiba, que coordenou a moldagem no local. Feito o trabalho, o molde foi transportado de navio para o Brasil, onde foi realizada a primeira fundição inédita em bronze da Pietá”,* relata Samuel. Todo esse processo foi registrado no documentário *“A Pietá de João Turin”,* dirigido por Fabrizio Rosa e produzido por Samuel Lago. (<https://www.youtube.com/watch?v=P7Xlh92EzSo>)

João Turin, *Marambi* no Memorial Paranista

Foto: *Still* de vídeo de divulgação



OBRA EM EXPOSIÇÃO PERMANENTE

A Pietá está hoje entre as quase 100 obras de João Turin que podem ser apreciadas no Memorial Paranista, construído em homenagem ao artista pela Prefeitura de Curitiba como um espaço para preservação e difusão de obras de arte. O Memorial possui uma área interna de exposição permanente com 78 esculturas de Turin em tamanho original que foram doadas pela Família Lago (detentora dos direitos autorais do artista) e pela SSTP Investimentos, para o Governo do Estado do Paraná, que emprestou as obras à Prefeitura em regime de comodato.

Na área externa há um Jardim de Esculturas com mais 13 obras em bronze, que podem ser apreciadas pelo público que visitar o parque. Todas essas esculturas são ampliadas e algumas ganharam proporções heróicas. A maior de todas é *Marumbi*, com 3 metros de altura e aproximadamente 700 quilos. Outro espaço importante é uma fundição elétrica e moderna, que também foi doada pela Família Lago e SSTP Investimentos, substituindo uma antiga fundição que estava obsoleta.

SOBRE JOÃO TURIN

Em quase 50 anos de carreira, João Turin deixou mais de 400 obras. Há esculturas em locais públicos de municípios do Paraná, Rio de Janeiro e na França. Turin também está no acervo de arte do Vaticano. A escultura *“Frade Lendo”* foi entregue como presente do povo brasileiro para o Papa Francisco, em 2013, na primeira visita do pontífice ao Brasil.

Nascido em 1878 em Morretes, no litoral do estado do Paraná, Turin foi ainda menino para Curitiba, iniciando seus estudos em artes. Chegou a ser professor e especializou-se em escultura na Bélgica. Retornou ao Brasil em 1922, trazendo comentários elogiosos da imprensa francesa. Foi premiado no salão de Belas Artes do Rio de Janeiro em 1944 e 1947. Faleceu em 1949.

Em junho de 2014, seu legado foi prestigiado pelas 266 mil pessoas que visitaram *“João Turin – Vida, Obra, Arte”*, a exposição mais visitada da história do Museu Oscar Niemeyer, em Curitiba, que ficou em cartaz por oito meses. Esta exposição também teve uma versão condensada, exibida em 2015 no Museu Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro, e na Pinacoteca de São Paulo.

SERVIÇO

Memorial Paranista João Turin

Rua Mateus Leme, 4700 (Curitiba, Paraná)

Agendamento de visitas no site

www.curitiba.pr.gov.br/memorialparanista

Documentário *“A Pietá de João Turin”*:

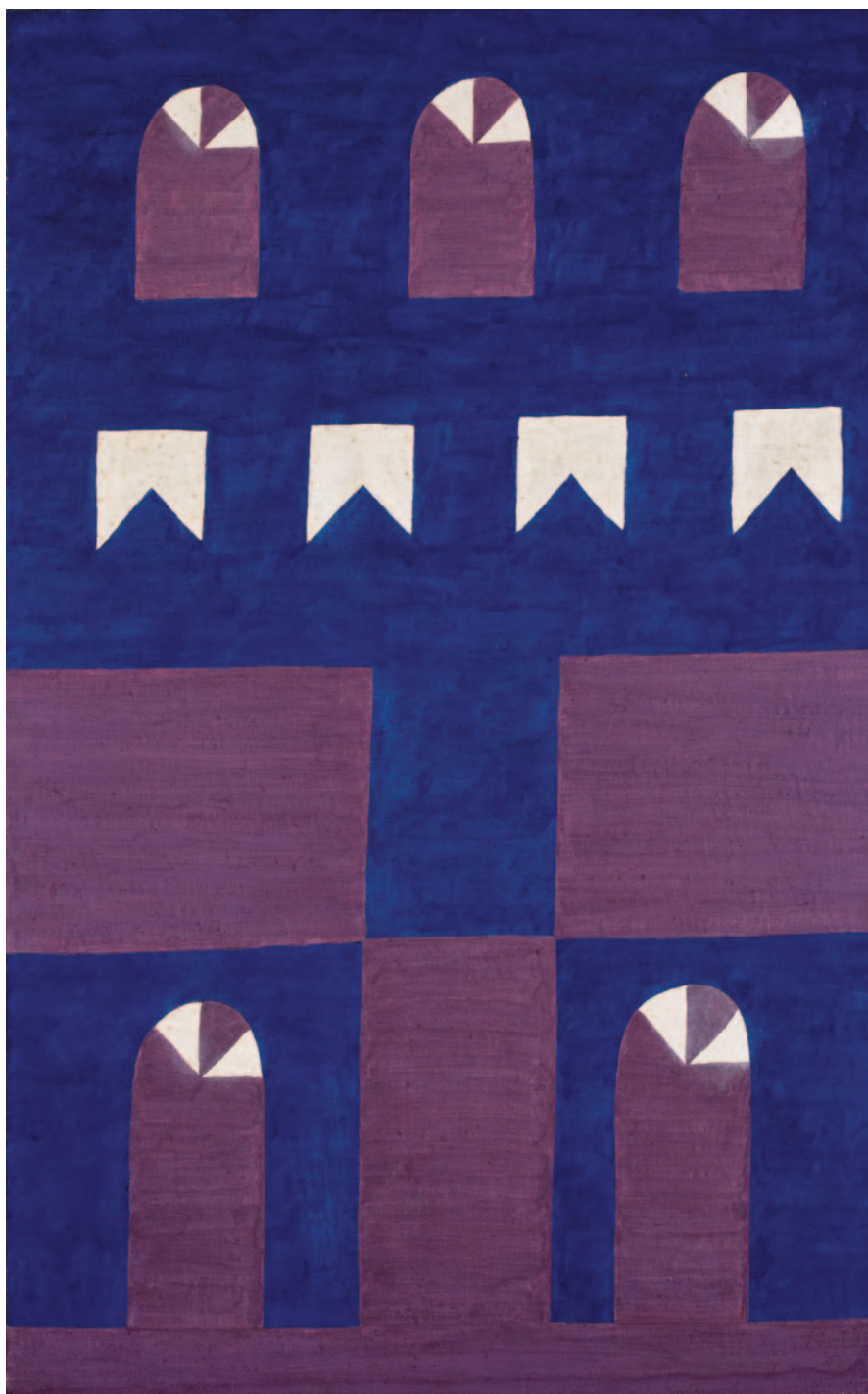
<https://www.youtube.com/watch?v=P7Xlh92EzSo>

Vídeo com detalhes da moldagem:

<https://www.youtube.com/watch?v=LK5CVSCPo7U>

Vídeo sobre o Memorial Paranista João Turin (legenda em inglês):

<https://youtu.be/wxxtuNEcOEM>



A partir
do dia 25,
VOLPI
POPULAR
no MASP

Alfredo Volpi, *Fachada com bandeiras*,
1959, acervo MASP, doação Ernest
Woft, 1900



Alfredo Volpi
Foto: LaArt

Volpi popular é a terceira de uma série de exposições que o MASP organiza em torno de artistas modernistas brasileiros canônicos do século XX que empregam referências populares ou vernaculares em seus trabalhos. Em 2016, o MASP organizou *Portinari popular* e, em 2019, *Tarsila popular*. A mostra ocupa o 1º andar do museu e fica em cartaz até 5 de junho. Adriano Pedrosa é o diretor artístico e Tomás Toledo o curador-chefe.

De caráter panorâmico, *Volpi Popular* abrange diversos períodos da carreira do artista e conta com cerca de 100 pinturas. A exposição é organizada em torno do contínuo interesse de Volpi pelos temas do imaginário popular brasileiro e é estruturada em seções temáticas, como paisagens do campo e do mar, fachadas, bandeiras e mastros, representações religiosas, festas populares e retratos.

Alfredo Volpi (Luca, Itália, 1896 – São Paulo, Brasil, 1988) é um artista central da arte brasileira do século XX e sua pintura é caracterizada por um repertório único de experiências e influências que mesclam tradições modernas e populares, incluindo interesses como o trabalho artesanal, as festas populares, os temas religiosos e as fachadas da arquitetura colonial e vernacular brasileira.

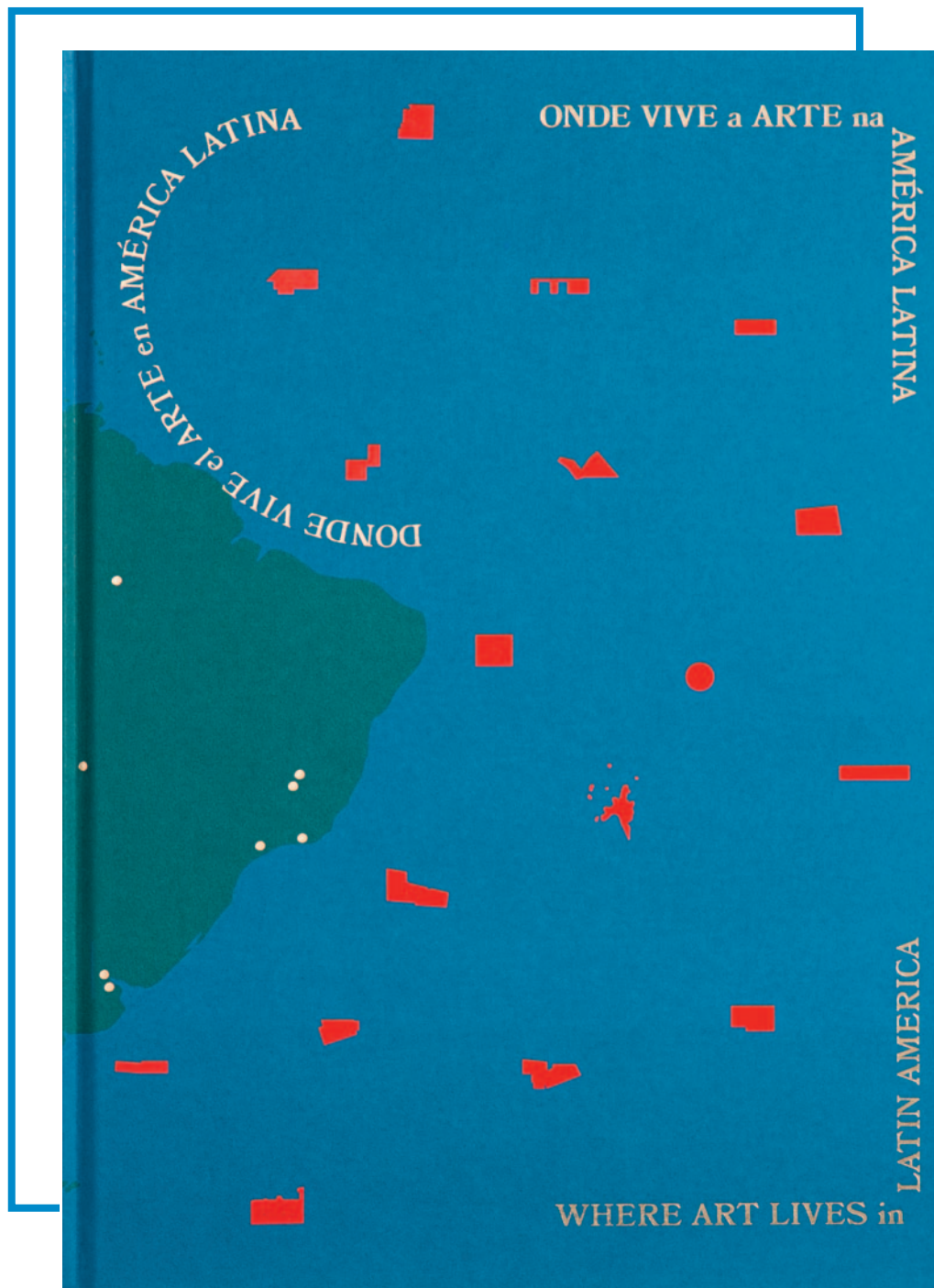
Nascido na Itália, de família de origem trabalhadora, o artista migrou ainda criança para São Paulo e sua produção inicial era voltada para paisagens urbanas e ru-

rais, distantes do estilo que marcaria sua obra. Na década de 1950, Volpi começou a sintetizar suas composições, tornando sua figuração cada vez mais geometrizada, com padrões, formas e temas recorrentes – como suas famosas bandeirinhas, mastros, faixas, fachadas e ogivas – que desenvolveu até o final de sua carreira.

Assim, a sua obra passou a ganhar as características formais que tanto o tornaram conhecido, com a sua pintura de espaços planejados, com campos cromáticos bem definidos, mas com contornos irregulares, marcados pelo uso sensível e sutil da cor, e pela textura áspera da sua têmpera. *Volpi popular* propõe um mergulho na obra do artista.

Acompanhando a mostra, será publicado o mais amplo catálogo sobre o artista num único volume, com ilustrações de todas as obras exibidas e mais. O livro conta com textos escritos especialmente para a ocasião por Adele Nelson, Antonio Brasil Jr., Aracy Amaral, Kaira Cabañas, Nathaniel Wolfson, Sônia Salzstein e Tomás Toledo, uma nota biográfica escrita por Matheus de Andrade, e duas entrevistas históricas com o artista feitas por Mario Pedrosa e Walmir Ayala. A publicação em capa dura conta com design de Paulo Tinoco, do Estúdio Campo, duas edições separadas na língua portuguesa e inglesa, e distribuição internacional por meio de Karen Marta Editorial Consultant e Distributed Art Publishers, nos Estados Unidos.

Livro reúne locais de vanguarda de arte na América Latina





De cima para baixo: Fragmentos Espacio de Arte y Memoria; LabVerde; Museo de Arte Moderno de Buenos Aires

“Onde Vive a Arte na América Latina”, lançado pela editora Act., apresenta 35 locais emblemáticos do circuito artístico da região, compondo um valioso registro do setor

Exposições de arte, edifícios, instituições e ações de fomento artístico compõem os ecossistemas singulares retratados em *Onde Vive a Arte na América Latina*, lançado pela consultoria de arte e editora Act. O livro, organizado por João Paulo Siqueira Lopes e Fernando Ticoulat, é mais do que uma documentação de 35 importantes espaços artísticos da região. A publicação é fruto de uma ampla e relevante pesquisa que reúne, além de imagens inéditas, texto críticos e entrevistas com curadores e dirigentes das instituições, aprofundando conexões, similaridades e diferenças no meio artístico latino-americano.

Ao folhear *Onde Vive a Arte na América Latina* e sua diversidade de espaços, obras, técnicas expositivas e produtivas, o leitor passeia – mesmo à distância – por museus, fundações, residências artísticas, espaços independentes, parques de esculturas, e depara-se com poéticas únicas, desenvolvidas de forma peculiar por cada um deles. Na seleção, estão espaços brasileiros como Aarea, MAM Rio, LABVERDE, Pivô e Pinacoteca de São Paulo, além de instituições estrangeiras, a exemplo de Fragmentos, Espacio de Arte y Memoria (Colômbia), Malba (Argentina), Museo Tamayo (México) e NuMu (Guatemala).

“Um museu precisa se reinventar constantemente e desaprender para permitir o surgimento de outras formas de

práticas. Ele precisa assumir o papel de ouvinte, abraçar as diferenças e antinomias, sem instituir novas categorias, territórios ou regras. (...) Queremos redescobrir uma linguagem institucional que possibilitará a comunicação inclusiva com aquelas parcelas da sociedade que deram as costas para a cultura e a arte. Queremos um museu para todas e todos”, afirmam os curadores da Pinacoteca, entre eles o diretor-geral Jochen Volz, em entrevista exclusiva publicada no livro.

O objetivo de *Onde Vive a Arte na América Latina* é ser uma referência para o desenvolvimento do estado da arte não só localmente, mas no mundo. Por isso, a publi-

Museo Tamayo



cação trilingue também será lançada e comercializada em outros países da América Latina e da Europa – em parceria com a tradicional *Turner Libros* –, disseminando internacionalmente essa extensa pesquisa e ressaltando a relevância global dos espaços retratados. Por meio dela, busca-se promover o intercâmbio de informações e o engajamento acerca da circulação da arte no contexto latino-americano.

Julieta González, recém-apontada diretora artística do Instituto Inhotim, assina a introdução e ressalta que *"esta publicação se preocupa não apenas com arte, edifícios ou instituições, não apenas com quem expõe*

Pinacoteca de São Paulo



ou trabalha neles e os visita, mas com os ecossistemas singulares que constituem. Os diferentes espaços aqui reunidos partilham, em sua maioria, um terreno comum: eles deixam a arte surgir, a deixam trazer e produzir sentido; preservam, cultivam e crescem.”

Para o curador Fernando Ticoulat, que também assina um texto na publicação, “...entre artista, suas obras e o público para o qual se dirige, existem diversos arranjos de espaços, dos mais transitórios e radicais aos institucionalizados. Essa publicação busca evidenciar que eles não são mais apenas sobre abrigar, cuidar e mostrar objetos de arte – padrão esse da arte moderna, do museu como a catedral secular. No contemporâneo, os locais que recebem e expõem arte tiveram que se adaptar às inovações dos artistas e suas propostas cada vez mais heterogêneas.”

A editora Act. tem em seu portfólio livros de arte como *20 em 2020: os Artistas da Próxima Década – América Latina*, indicado ao Prêmio Jabuti 2021, na categoria Artes, e *Espaços de Trabalho de Artistas Latino-Americanos*. Entre os próximos lançamentos, estão o livro *boa forma gute form* que, através de doze ensaios inéditos, traça vínculos fundamentais entre a institucionalização do design no Brasil, o movimento de arte concreta e o ensino da Escola de Ulm, na Alemanha, e *Saboneteiras*,



Inhotim

uma compilação da série de pinturas homônima, realizada pela artista visual Ana Elisa Igreja (São Paulo, 1983) durante o período de isolamento da pandemia.

“A atual expansão no mercado editorial de livros de arte, arquitetura e design tem se revelado um instrumento fundamental para a construção e difusão de conhecimento em torno da diversificada produção cultural brasileira e latino-americana. Por isso, a Act. vem investindo desde 2020 em publicações de excelência sobre artistas, instituições e outros personagens fundamentais da história da arte e do design”, afirma João Paulo Siqueira Lopes, sócio-diretor da Act.

SOBRE OS ORGANIZADORES

João Paulo Siqueira Lopes

Fundador da Act., é mestre em *Art Business* na Grande École des Métiers de l’Art (Paris). Atuou como Diretor-adjunto da *Lisson Gallery* para a América Latina, foi Diretor artístico da Art Rio (2013) e trabalhou em instituições como a feira francesa FIAC (Paris, 2012), a *Galerie Nathalie Obadia* (Paris) e a *Gagosian Gallery* (NY).

Fernando Ticoulat

Co-fundador da Act., é bacharel em direito pela Fundação Getúlio Vargas e pós-graduado em Arte, Crítica e Curadoria pela PUC-SP. Nos últimos cinco anos, assi-

nou a curadoria de 14 mostras no Brasil e no exterior, além de se responsabilizar pela produção executiva de outras 28 exposições de arte. Trabalhou na galeria Sé e fundou o Coletor, plataforma itinerante voltada para o desenvolvimento de práticas artísticas.

Art Consulting Tool

Fundada em 2017 e sediada em São Paulo, a *Art Consulting Tool – Act.* é uma consultoria que preenche diversas lacunas do mundo da arte numa escala global. Sua missão é conectar arte e pessoas. Além de consultoria oferecida a colecionadores, também trabalha com artistas, fundações de arte e instituições sem fins lucrativos, contribuindo para diversas iniciativas curatoriais ou criando projetos especiais. Desde 2020, a Act. investe no desenvolvimento de um forte braço editorial. A Editora Act. conta com parcerias nacionais e internacionais, a exemplo da *Turner Libros*, com sede na Espanha e no México. No portfólio, destacam-se as publicações *20 em 2020: os Artistas da Próxima Década – América Latina* (Act., 2021), indicado ao Prêmio Jabuti, na categoria Artes, e *Espaços de Trabalho de Artistas Latino-Americanos* (Act. e Cobogó, 2020).

SERVIÇO

"Onde Vive a Arte na América Latina"

Editora: Act. | Organização: João Paulo Siqueira Lopes e Fernando Ticoulat

Capa dura Tamanho: 22 x 31 x 3,8 cm

Número de páginas: 448 |

Idiomas: inglês, espanhol e português

Valor: R\$ 200,00

LISTA DE ESPAÇOS:

AAREA (Brasil, Internet)
 MUSEO AMPARO (México)
 BETA-LOCAL (Porto Rico)
 MUSEO de ARTE LATINOAMERICANO de BUENOS AIRES (Argentina)
 MUSEO de ARTE MODERNO de BUENOS AIRES (Argentina)
 CASA WABI (México)
 DIABLOROSSO (Panamá)
 FACTORÍA HABANA (Cuba)
 FRAGMENTOS, ESPACIO de ARTE y MEMORIA (Colômbia)
 INHOTIM (Brasil)
 JA.CA, CENTRO de ARTE e TECNOLOGIA (Brasil)
 KIOSKO GALERÍA (Bolívia)
 LABVERDE (Brasil)
 MUSEO de ARTE de LIMA (Peru)
 LUGAR A DUDAS (Colômbia)
 MUSEO de ARTE MODERNO de MEDELLÍN (Colômbia)
 MUSEO UNIVERSITARIO ARTE CONTEMPORÁNEO (México)
 MUNAR (Argentina)
 NuMu (Guatemala)
 ESPACIO ODEÓN (Colômbia)
 PAIJÁN (Peru)
 PINACOTECA de SÃO PAULO (Brasil)
 PIVÔ (Brasil)
 FUNDACIÓN PROA (Argentina)
 MUSEU de ARTE MODERNA do RIO de JANEIRO (Brasil)
 SAGRADA MERCANCÍA (Chile)
 SALA MENDOZA (Venezuela)
 MUSEO de ARTE CONTEMPORÁNEO de SANTIAGO (Chile)
 MUSEU de ARTE de SÃO PAULO (Brasil)
 SOLAR dos ABACAXIS (Brasil)
 MUSEO de la SOLIDARIDAD SALVADOR ALLENDE (Chile)
 SOMA (México)
 MUSEO TAMAYO (México)
 TEOR/ética (Costa Rica)
 URRRA (Argentina)



SARAVÁ

Projeto GAS 2022

Dia dois de fevereiro não é apenas dia de festa no mar, como diz a canção de Dorival Caymmi. É também o dia da abertura da mostra “*Saravá*” na Galeria Anita Schwartz, no Rio de Janeiro

Resultado da primeira chamada aberta da galeria, a exposição *Saravá – Projeto Gas 2022* mostra obras de 39 artistas, brasileiros e estrangeiros, selecionados entre 511 inscrições. Em continuidade aos dois anos anteriores do *Projeto Verão*, nos quais a Galeria começou um trabalho gradativo de abertura para artistas emergentes, GAS é uma reformulação institucional do programa, afirmando o compromisso da Galeria em criar vias de acesso e abertura de caminhos para novos artistas.

Os artistas foram selecionados através de uma chamada aberta, a primeira convocatória pública da galeria. Eleitos por uma comissão que conta com Anita Schwartz e Bianca Bernardo, os trabalhos – entre pinturas, desenhos, objetos, instalações e vídeos – apresentam um

conjunto de poéticas e estéticas de diferentes contextos e linguagens da arte contemporânea. Muitos dos artistas participantes de *Saravá* exibem os seus trabalhos pela primeira vez em uma galeria de arte comercial.

PROJETO GAS

O gás é a matéria em estado fluido. Invisível, inodoro, de forma variável e qualidade expansiva, é um elemento etéreo, abstrato e simbólico. Por vezes, no imaginário social, é associado à ideia de frescor, como na publicidade, e noutras, àquilo que é combustível para o movimento. Para além de suas construções simbólicas, em seu estado físico, ele pode ser multiplicado, dividido e transformado, ocupando todo espaço que preenche.

Da esquerda para a direita: Igor Rodrigues, *A pele que habito*; Joyce Candeia, *Tenha fé*; Miguel Pérez Ramos, *Santo Miguelito como Sebastián*

Fotos: Cortesias dos artistas





Michel Masson, *Utópicas, Miragem e Mundo*



Fotos: Cortesia do artista

Apropriando-se de suas características, o Projeto GAS pretende impulsionar a circulação de artistas jovens e em meio de carreira para dilatar os horizontes e sublimar fronteiras. Atendo-se à materialidade das partículas que impulsionam o movimento, o projeto tem o objetivo de ser uma espécie de força motriz para a escuta de novas vozes através da produção de projetos de exposições e acompanhamento artístico, como um difusor para a criação de uma atmosfera no cenário da arte contemporânea brasileira.

O *Projeto Gas* é a terceira edição do *Projeto Verão*, criado para idealizar novas ativações no espaço físico da galeria junto com os artistas. Um trabalho coletivo desenvolvido para reforçar reflexões e sensações que a arte proporciona.

“Acredito na importância desse tipo de projeto que, simultaneamente, cria vias de acesso e apoio para jovens

artistas, além de estimular o mercado de arte, apresentando poéticas emergentes e plurais”, revela Anita Schwartz, ao destacar seu entusiasmo ao dar continuidade a esse projeto que chega a sua 3ª edição, agora ampliado.

SERVIÇO

Exposição SARAVALÁ – Projeto GAS 2022

Abertura: 2 de fevereiro

Visitação: 2 de fevereiro – 26 de março

Segunda a sexta, 10h – 19h | Sábados, 12h – 18h

Entrada gratuita

Anita Schwartz Galeria de Arte

Rua José Roberto Macedo Soares, 30, Gávea/RJ

Telefones: (21) 2274-3873 e 2540-6446

Horário: 10h às 20h, de segunda a sexta, e das 12h às 18h, aos sábados

www.anitaschwartz.com.br

Mais informações: galeria@anitaschwartz.com.br

Artistas:

Alexandre Paes | Allan Webe | Amador Jr. & Segurança Patrimonial Ltda. | Andréa Hygino | Antonio Tebyriçá | Beré Magalhães
Breno de Sant’Ana | Caio Lescher | Caroline Valansi | Dandara Hahn | Ela Menescal | Estêvão Parreiras | Igor Rodrigues | Joyce Candeia
Juliana Trajano | Liana Nigri | Maria Palmeiro | Michel Masson | Michelle Rosset | Miguel Pérez Ramos | Morani | Nicolas Soares
Pilar Rodriguez | Ramo Negro | Renan Andrade | Samuel Dickow | Sandra Sartori | Thais Basilio | Timóteo Lopes | Zé Tepedino

Vídeos:

Alexandra Martins | Antonia Dias Leite | Cecília Cavalieri | Davi Pereira | João Paulo Racy | Luisa Lemgruber | Pedro Torres | Sema



SAMSON
FLEXOR:
ALÉM
DO
MODERNO

Maria Hermínia Donato

Samson Flexor, *Pássaros*, 1968
Foto: Galeria de Arte Frente / Divulgação

Mostra no Museu de Arte Moderna de São Paulo marca a transição do artista do moderno para o contemporâneo



Samson Flexor, *Sem título*, 1963

Foto: Galeria de Arte Frente / Divulgação

Samson Flexor é conhecido como um dos pioneiros da abstração no Brasil, cuja produção artística é associada à produção abstrata geométrica que surge em São Paulo nos anos 50. A exposição exhibe quase uma centena de obras datadas entre os anos 1922 e 1970, e segundo a curadora Kiki Mazzucchelli, “é a primeira exposição que tem como foco o desenvolvimento da obra de Flexor a partir de 1957, quando passa a rejeitar as formas estáticas em pinturas onde gradualmente predominam o gesto, a opacidade e a transparência”.

Estão incluídas na mostra as pinturas conhecidas na trajetória do artista como *Aos pés da cruz* (1948), onde os rostos das figuras aparecem em meio a linhas e cores superpostas; *Figuras femininas* (1951), que apresenta corpos como composições de formas geométricas; e *Diagonal sur le carré* (1954), quando explora as diagonais cruzadas e cria um movimento acentuado pelos contrastes cromáticos. Mas em entrevista à *Oxigênio Revista*, a curadora afirma que a exposição busca mostrar o desenvolvimento da pintura do artista pós- abstração

geométrica, que culmina na sua volta à figuração no final dos anos 1960.

OR – Samson Flexor é conhecido por ser um dos pioneiros da abstração no Brasil, e você decidiu exibir o seu legado com obras menos conhecidas. Qual a razão da sua escolha?

KM – Flexor teve uma atuação extremamente importante na introdução da linguagem abstrata no Brasil. Quando mudou definitivamente para São Paulo, em 1948, a polêmica entre abstração e figuração estava à frente do debate no campo das artes visuais. Ele se aproximou de vários críticos de vanguarda que defendiam a abstração, em especial Léon Degand, crítico belga que se tornou o primeiro diretor do Museu de Arte Moderna de São Paulo e com quem, segundo o próprio artista, *“fez um proselitismo da arte abstrata*

no Brasil”. Nos anos 1950, Flexor também foi professor de uma nova geração de artistas em seu Ateliê Abstração, que se tornou, além de uma escola independente, um local de encontro de intelectuais, músicos e artistas onde se discutiam alguns dos temas mais relevantes da época.

No entanto, embora a produção de Flexor do final dos anos 1940 até final dos anos 1950 tenha sido satisfatoriamente absorvida pela crítica e pelo público em geral, sua obra continuou evoluindo até o ano de sua morte, em 1971. Esses 20 anos finais de produção permanecem pouco conhecidos e pouco estudados, e a exposição busca mostrar o desenvolvimento da sua pintura pós-abstração geométrica, que culmina na sua volta à figuração no final dos anos 1960. Nesse momento, o artista considera que atingiu a potência máxima de seu

Samson Flexor, *Túnel*, 1958

Foto: Galeria de Arte Frente / Divulgação





Samson Flexor, *Lírico*, 1960

Foto: Galeria de Arte Frente / Divulgação

trabalho, com obras que remetem à brutalidade dos tempos de ditadura militar e o caráter atávico da violência na história da humanidade (ele escapou da morte em diversas ocasiões durante a Segunda Guerra). Flexor, então, já não está mais vinculado a uma tradição da arte moderna (autônoma), mas faz a transição para a arte contemporânea ao tratar mais abertamente de temas políticos e sociais.

OR – Os *Bípedes*, segundo Flexor “a potência máxima de sua obra”, marcam sua transição do moderno para o contemporâneo. Por quê?

KM – Flexor sempre foi um artista muito inquieto, nunca se acomodou em uma única fórmula ou estilo. Nos anos 1950, apesar de ter abraçado completamente a abstração, desconfiava da ortodoxia do grupo da arte concreta paulista (aos quais chamava, jocosamente, de “concretinista”). Em 1956/57, viajou a Nova York para fazer uma exposição em uma galeria comercial e conheceu a obra dos expressionistas abstratos americanos em uma exposição no MoMA que incluía, ainda, algumas referências históricas como as *Ninféas*, de Monet, e algumas obras de Turner. A partir daí, passa



Samson Flexor, *Abstrato*, 1965

Foto: Galeria de Arte Frente / Divulgação

a não acreditar mais nas estruturas fixas e inicia o período que chama de “*abstração lírica*”: obras que incorporam gestos, transparências, movimentos, e matéria.

Até esse momento, as questões que lhe interessam são questões relativas à própria pintura, ou seja, é uma obra que ainda pode ser considerada autônoma em re-

lação ao mundo (moderna). Com a volta à figuração, Flexor passa a incorporar em seu trabalho aquilo que estava acontecendo no mundo à sua volta: a brutalidade do regime militar, o autoritarismo, o questionamento da natureza humana. *Os Bípedes* não são mais autônomos em relação ao mundo, embora nunca sejam literais. São expressões desse clima de brutali-



Vista da exposição
Foto: Karina Bacchi

dade e de uma sub-humanidade que persiste para além da racionalidade humana. É nesse sentido que considero Flexor como um artista que fez a transição do moderno para o contemporâneo.

OR – As criaturas antropomórficas da série *Bípedes* não tiveram um reconhecimento oficial na Bienal de São Paulo. Você acredita que sua obra estava à frente do seu tempo?

KM – É importante lembrar que a Bienal de 1967 é conhecida como a bienal da Pop Art. A mostra incluiu não apenas alguns dos grandes nomes da pop americana como também toda uma nova geração de artistas brasileiros que começavam a abraçar essa tendência. Era essa a novidade da Bienal, e imagino que a atenção da crítica estivesse voltada para esse universo. Em 1967, Flexor completou 60 anos e, portanto, já era um artista maduro que não despertava interesse como os artistas emergentes. Além disso, muitos dos críticos que apreciavam sua obra dos anos 1950, não entenderam essa volta à figuração – uma figuração grotesca, com uma paleta de cores reduzida representando seres monstruosos que se estruturam a partir de uma espé-

cie de teste de Rorschach em que se destaca a materialidade da tinta. Ou seja, algo quase diametralmente oposto àquilo que a Pop Art apresenta.

Sim, creio que as criaturas de Flexor estavam à frente de seu tempo, mas considero que também pertencem a uma espécie de tempo ancestral, pois tratam de uma característica humana que se repete através da história. São obras que possuem uma ressonância com os tempos de hoje, mais precisamente com a ascensão de regimes totalitários em países que acreditávamos possuir democracias estáveis.

Em 1964, Flexor foi diagnosticado com uma doença terminal, e sua obra – do final da década até o seu falecimento em 1971 – trata ainda da dissolução do corpo físico e da proximidade da morte, o que também possui uma forte ressonância com os tempos atuais de pandemia, em que a doença e a morte se tornaram assuntos cotidianos no mundo todo. É muito gratificante ver como os jovens, especialmente, se conectam com a obra tardia de Flexor. Nos primeiros dias da exposição, essas foram as obras que mais instigaram o interesse de uma nova geração.

OR – O Seu trabalho curatorial vem resgatando artistas históricos com textos e exposições como a do Flávio de Carvalho (Londres e São Paulo-2019), Eleonore Koch (Londres-New York-2021), entre outros. O que leva você a essas escolhas, considerando sua excelente curadoria na arte contemporânea?

KM – Acredito que um dos movimentos mais interessantes no campo da historiografia da arte é a revisão de certos cânones históricos. Acho que muitas vezes a curadoria tende a apresentar artistas históricos de acordo com leituras e interpretações que, por uma série de motivos, ficaram consolidadas como certas. Hoje, testemunhamos um movimento global de questionamento de certas lacunas na construção da história das artes visuais, com o reconhecimento póstumo de artistas excelentes que foram ignorados por pertencerem a minorias. No caso dos artistas brasileiros, há uma série de dificuldades logísticas e financeiras para fazer a obra circular internacionalmente. O que me interessa, sobretudo, são essas “outras” histórias da arte, aquelas que possuem a capacidade de criar rupturas nos cânones consolidados.

Para mim, Flávio de Carvalho (que, a propósito, não pertencia a nenhuma minoria) é um dos grandes artistas da vanguarda global na primeira metade do século XX, alguém que abriu inúmeras frentes na arte brasileira (e global) naquele período. Eleonore Koch é também uma artista que forjou uma linguagem pictórica absolutamente original e cuja grandeza nunca foi devidamente apreciada no Brasil (ela viveu por mais de 20 anos em Londres, onde sua obra era mais aceita).

No caso de Flexor, acho que foi um artista “condenado ao moderno”, para emprestar a expressão de Mario Pedrosa. Até hoje a grande maioria dos críticos continua considerando suas obras abstratas dos anos 1950 como sua melhor produção. Os jovens, por outro lado, se mostram muito mais entusiasmados pela obra tardia, que o próprio artista considerava superior. Todos esses artistas produziram obras que ganharam significado renovado nos tempos atuais por diferentes razões, e isso, em minha opinião, é o mais interessante no trabalho com artistas históricos.

OR – Quais são seus próximos projetos?

KM – Entre outros, uma publicação sobre o artista autodidata Hélio Melo, do Acre, e uma exposição com foco na produção experimental de Flávio de Carvalho.

SERVIÇO

Samson Flexor: além do moderno

Curadoria: Kiki Mazzucchelli

Período expositivo: Até 26 de junho de 2022

Local: Museu de Arte Moderna de São Paulo

Endereço: Parque Ibirapuera

(Av. Pedro Álvares Cabral, s/nº – Portões 1 e 3)

Horários: terça a domingo, das 10h às 18h

(com a última entrada às 17h30)

Telefone: (11) 5085-1300

Ingresso: R\$25,00 inteira.

Gratuidade aos domingos.

Agendamento prévio necessário.

<https://mam.org.br/>

Oxigene seu negócio.
Aqui você só encontra notícias boas.
Revista mensal, online e gratuita.



SOLICITE NOSSO MÍDIA KIT
oxigeniorevistabr@gmail.com

OXIGÊNIO
revista